

VIOLÊNCIA E PRECARIEDADE EM O FILHO DA MÃE

VIOLENCE AND PRECARIOUSNESS IN O FILHO DA MÃE

Lucas Demingos de OLIVEIRA¹

Resumo: As últimas décadas atestaram a proliferação de diversas formas de narrativas com a temática trauma e, na esteira dessa produção literária, veio a teorização, que teve impulso nos anos 1990, principalmente por meio da obra de Cathy Caruth (1996). Recentemente, iniciou-se uma crítica ao modelo de trauma desenvolvido por Caruth por não ser capaz de abarcar as violências diárias, sistemáticas e institucionais infligidas principalmente contra minorias (ROTHBERG, 2008). Apoiado nesse enfoque, investiga-se questões relativas a trauma, precariedade e vulnerabilidade em *O filho da Mãe* (2009), romance de Bernardo Carvalho. A narrativa apresenta dois contextos de violência presentes na Rússia e na Tchetchênia: a Segunda Guerra da Tchetchênia e a homofobia institucionalizada. Com base na articulação entre essas duas formas de violência, utiliza-se a noção de precariedade, elaborada por Judith Butler (2006, 2015) como um nexo entre as violências produzidas por conflitos geopolíticos armados e as agressões diárias causadas por um discurso homofóbico que inviabiliza o reconhecimento de certas vidas como vidas vividas, compreendendo mais adequadamente as experiências traumáticas narradas.

Palavras-chave: Bernardo Carvalho. Trauma. Precariedade. Literatura. Violência.

Abstract: The latest decades evidence the proliferation of several forms of narratives whose theme is trauma and, in the wake of such literary production, emerged the theorizing that had its momentum during the 1990s, especially through the works of Cathy Caruth (1996). Recently, a critical assessment pointed out that Caruth's model of trauma theory is not able to encompass the daily, systematic, and institutional violence inflicted, mainly, upon minorities (ROTHBERG, 2008). From such approach, this paper will investigate questions pertaining to trauma, precariousness, and vulnerability in *O filho da mãe* (2009), a novel by Bernardo Carvalho. The narrative provides two contexts of violence present in Russia and Chechnya: the Second Chechen War and institutional homophobia. Based on the articulation between these two forms of violence, the author applies the idea of precariousness coined by Judith Butler (2006, 2015) as a nexus between the violence produced by geo-political conflicts and the daily aggressions caused by a homophobic discourse that precludes the recognition of certain lives as lived lives, thus more fully understanding the narrated traumatic experiences.

Keywords: Bernardo Carvalho. Trauma. Precariousness. Literature. Violence.

Introdução

Publicado em 2009, o romance *O Filho da Mãe* de Bernardo Carvalho faz parte do projeto Amores Expressos da editora Companhia das Letras, o qual propôs histórias de amor narradas de

¹ Doutorando em Teoria, Crítica e Comparatismo pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

diversas cidades ao redor do mundo, cabendo a Bernardo Carvalho a cidade de São Petersburgo, Rússia. A narrativa se desenvolve, em grande parte, sob o pano de fundo da Segunda Guerra da Tchetchênia e do aniversário de 300 anos da cidade de São Petersburgo, podendo, então, ser datada por volta de 2003. A Segunda Guerra da Tchetchênia desempenha um papel crucial na narrativa, pois seu cenário de violência é utilizado para desencadeá-la e a permeia do começo ao fim; entretanto, de forma mais diluída, outro contexto de violência está amplamente inscrito na sua tessitura: o do discurso homofóbico presente na Rússia e na Tchetchênia.

Em meio a esse enquadramento atravessado por diferentes formas de violências, *O Filho da Mãe* entrelaça diferentes narrativas e personagens que convergem em Ruslan, o protagonista da narrativa. Jovem taciturno e sensível, Ruslan, junto de sua avó Zainap, foge da guerra e da destruição de Grózni, capital da Tchetchênia, para um campo de refugiados na Inguchétia. Após a morte de sua avó, Ruslan se vê sozinho e parte para São Petersburgo em busca de sua mãe, que o abandonara quando nasceu.

O presente artigo busca estabelecer relações entre os diferentes contextos de violência apresentados pela narrativa e suas reverberações traumáticas nas personagens. É sugerida a noção de precariedade, elaborada por Judith Butler (2006, 2015), como um nexo entre as violências produzidas por conflitos geopolíticos armados e as agressões diárias causadas por um discurso homofóbico que inviabiliza o reconhecimento de certas vidas como vidas vividas.

O trauma do exílio

Desde seu início, percebe-se na narrativa de *O Filho da Mãe* que a temática do trauma e da precariedade se mostram recorrentes e permeiam todas as personagens, estando na gênese de grande parte de seus medos e aflições. Os estudos de trauma possuem uma longa trajetória: iniciados a partir da revolução industrial, encenou-se sempre um conflito entre um discurso psiquiátrico e legal, principalmente fundado na dicotomia cartesiana corpo/mente (LUCKHURST, 2008). A definição mais comumente usada para delimitar trauma vem do ensaio *Além do Princípio do Prazer*, de Sigmund Freud (2010b), e também do modelo teórico elaborado a partir da noção freudiana feita por Cathy Caruth (1995, 1996).

Os autores apontam trauma como um evento esmagador que atravessa as barreiras da psique do sujeito sem tempo de processamento. O evento traumático torna-se uma memória inacessível, porém sempre no limiar da erupção; há uma lacuna entre impacto e entendimento, ou seja, só é “entendido” como tal após seu acontecimento ao ser reencenado e repetido através de padrões de sofrimento. Segundo Freud (2010b), essa reencenação se dá na tentativa da psique de

compreender o incompreensível e dominar o trauma. O retorno do trauma é testemunho não apenas da violência do evento, mas também de que esta não pôde ser completamente apreendida (CARUTH, 1995).

É através da elaboração do trauma e do trabalho analítico que poderia ser possível uma saída dos ciclos de reencenação e sofrimento consequentes do evento traumático (FREUD, 2010a). Caruth (1995) complementa que trauma é uma experiência intrinsecamente paradoxal, que pode ser acessada somente em sua inacessibilidade. Não se fundindo na memória narrativa do sujeito, o trauma encontra-se logo abaixo da “superfície”; por conseguinte, possui um caráter de presente, sendo constantemente retrabalhado, produzindo aspectos de fragmentação formal-temporal (RICCEUR, 1995). Em síntese, fragmentação, reencenação e repetição são elementos constantes quando se fala em narrativas com a temática trauma (CARUTH, 1996).

A narrativa de *O Filho da Mãe* se apresenta sob uma configuração fragmentada espacial e temporal, dividindo-se em três grandes partes: “Trezentas Pontes”, “As Quimeras” e “Epílogo”. O romance inicia-se na véspera do tricentenário de São Petersburgo, seis meses após os eventos narrados no “Epílogo”, já apontando, por meio de um deslocamento temporal, que a narrativa não segue a cronologia do acontecer dos eventos. Cada capítulo avança ou retrocede no tempo narrado e, por consequência de seus deslocamentos geográficos extremos, é capaz de distorcer a esfera temporal: quando narrada da cidade de Vladivostok, a sete fusos-horário de distância de São Petersburgo, e, portanto, uma diferença de sete horas, fazendo com que o tempo pareça ser maleável.

A configuração fragmentada da narrativa produz uma dificuldade de percepção de sua coerência e uma quebra com a dicotomia causa e efeito, promovendo uma ideia de isolamento entre as personagens, diferindo a compreensão de suas conexões, isto é, ação e reação nesse contexto se embaralham e não é possível perceber linearmente que as personagens estão interligadas e como suas histórias se entrelaçam.

Quando Zainap e Ruslan são introduzidos na narrativa, ainda nas primeiras páginas, ambos se encontram já no campo de refugiados na Inguchétia, ao norte do Cáucaso. A guerra entre a Tchetchênia e a Rússia faz seus efeitos serem sentidos: “[Zainap] perdeu três dentes desde o começo da guerra. Acorda todos os dias às cinco da manhã. Não porque queira. Já não são só os mortos; tampouco se lembra dos que permanecem vivos. E isso a preocupa” (CARVALHO, 2009. p. 23).

Em seguida, através de uma *analepse*, retorna-se ao tempo em que viviam em Grózní, capital da Tchetchênia, em um prédio já completamente destruído pelos conflitos produzidos pela guerra

entre a Federação Russa, a República Chechena da Ichkeria e ainda diversos grupos separatistas islâmicos. Resistindo na cidade até o limite, ambos são forçados a deixá-la após a captura de Ruslan pelas forças russas. Ao ter o neto sequestrado e torturado – prática que havia sido normalizada naquele contexto –, Zainap precisa pagar seu resgate ao exército, o que acaba por liquidar completamente suas economias.

É somente após Ruslan ser sequestrado, isto é, frente à possibilidade de perder seu neto, que Zainap decide abandonar Grózní. No entanto, o sequestro de Ruslan faz emergir na narrativa um eco de um passado muito recente, o sequestro e morte do próprio pai de Ruslan:

Fazia quase dois anos que, às vésperas do inverno de 1999 para 2000, durante a retomada da cidade pelos russos, nos primeiros meses do que se convencionou chamar de segunda guerra de Tchetchênia, Zainap pagara quinhentos dólares aos *boieviki* para reaver o corpo do filho, Chakhban, pai de Ruslan. [...] um cadáver queimado e desfigurado [...] O principal era conseguir um corpo pra enterrar, mesmo que um substituto. (CARVALHO, 2009, p. 28)

Desse modo, novamente Zainap é submetida ao pagamento de um resgate, dessa vez, porém, pelo neto ainda vivo, o qual ela recebe espancado e coberto de hematomas. Mais uma vez Zainap deve procurar um familiar – primeiro o filho morto e depois o neto vivo –, pagar por sua liberação e carregá-lo até sua casa por uma cidade em ruínas. Embora a personagem repita o resgate de um familiar, a situação não parece se configurar pura e simplesmente como um sintoma de uma psique em busca de compreensão, mas também como produto de um contexto de violência e guerra, de perseguições e genocídios. Os eventos traumáticos passam a se confundir com suas repetições e ecos, iniciando o descentramento e esfacelando aos poucos o quadro de referência do modelo baseado em um evento centralizador, a saber, o elaborado por Freud (2010b) e Caruth (1995, 1996). Somente com uma ajuda misteriosa ambos são capazes de partir para a região de Inguchétia, onde, apenas através de diversos subornos, podem permanecer por um tempo no campo de refugiados.

A narrativa retorna ao campo de refugiados e ao presente, sublinhando o desejo de Zainap de regressar à Grózní, mesmo que em meio a ruínas. Contudo, no campo de refugiados, a saúde de Zainap rapidamente se deteriora, impelindo a personagem a testemunhar sua história a Ruslan. Márcio Seligmann-Silva (2008) assinala uma espécie de imperativo de testemunho presente em certos sobreviventes de eventos catastróficos, como uma urgência em não deixar a sua própria história ser esquecida com sua morte.

A personagem Zainap narra ter sido vítima das deportações/expulsões realizadas em 1944 pelas autoridades soviéticas. Segundo William Flemming (1998), somente naquele ano, cerca de

500 mil chechenos e inguches, junto de outras minorias étnicas da região do norte do Cáucaso, foram expulsas para a Ásia Central através de políticas stalinistas de limpeza étnica. Enviada para o Cazaquistão, Zainap relata que a alto custo sobreviveu ao percurso de trem. Seu sogro não teve a mesma “sorte”. Flemming aponta que, ainda nos trajetos de trem, cerca de 100 mil dentre os deportados não sobreviveram às condições extremas de fome e frio. De seu marido, Zainap nunca mais obteve notícia. Ela retorna para Grózni somente 15 anos depois, um ano após o início da repatriação dos Chechenos. No entanto, depois de tanto tempo e tantas reviravoltas políticas e pessoais, todos seus conhecidos e familiares já haviam morrido. A narrativa começa, desse modo, a relacionar o passado traumático que, ainda não elaborado, parece se lançar ao presente avassalador experienciado de diferentes maneiras pelas personagens.

Assim sendo, é sugerido que a subjetividade das personagens Zainap e Ruslan orbitem em torno de trauma e violência, o que é manifestado através de diferentes estratégias narrativas. Ao relatar sua primeira expatriação, Zainap é quem, primeiramente, traz à tona elementos de trauma na narrativa: no campo de refugiados, a personagem vivencia novamente o exílio somado ainda à perda da própria cidade, por meio da destruição causada pela guerra. Essa experiência figura como uma reencenação devastadora do evento vivido décadas atrás, reabrindo a ferida causada pelo exílio no Cazaquistão. A personagem reconhece a similaridade das condições impostas sobre ela, associando “a partida [de Grózni] à perda e aos desencontros” (CARVALHO, 2009, p. 29). Torna-se imperativo para Zainap, com base nisso, nunca deixar Grózni novamente, uma vez que, para a personagem, partidas passam a ser associadas à desolação e perdas irreparáveis.

O vivo e o não vivo

Com a morte de Zainap, ainda no campo de refugiados, Ruslan passa a ser o foco da narrativa até quase que seu fim. Além de ter sido sequestrado e espancado, começa a ser revelado que Ruslan carrega ainda outro tipo de experiência traumática associada à sua homossexualidade, que passa a receber um tratamento explícito por parte da narrativa. Aspectos relacionados à precariedade, que já estavam sendo introduzidos pela narrativa, são paulatinamente exacerbados, contribuindo na descentralização do quadro referencial de trauma baseado em um único evento singular elaborado por Caruth (1995, 1996) e Freud (2010b). A noção de precariedade ainda torna possível estabelecer um nexos entre as violências causadas por um discurso homofóbico, xenofóbico e de heterossexualidade compulsória com as violências intrínsecas à guerra.

Para Judith Butler (2006, 2015), todos seres vivos compartilham de uma “condição precária”, isto é, para uma vida ser sustentada e vivível, ela depende de que certas condições

externas materiais e sociais sejam alcançadas, expondo que estamos sempre entregues ao outro. Quando certas políticas consentem que pessoas ou populações inteiras morram por meio de negligências sistemáticas – pois nem sempre a violência se articula através de meios militares –, testemunha-se uma distribuição diferencial e assimétrica dessas condições necessárias para a manutenção da vida, ou seja, uma precariedade induzida:

Afirmar que uma vida pode ser lesada, por exemplo, ou que pode ser perdida, destruída ou sistematicamente negligenciada até a morte é sublinhar não somente a finitude de uma vida (o fato de que a morte é certa), mas também sua precariedade (porque a vida requer que várias condições sociais e econômicas sejam atendidas para ser mantida como uma vida). A precariedade implica viver socialmente, isto é, o fato de que a vida de alguém está sempre, de alguma forma, nas mãos do outro. (BUTLER, 2015, p. 31)

Historicamente, operações de poder com o objetivo de dominação utilizam-se amplamente da maximização de precariedade para uns e minimização de precariedade para outros, seja por meio de guerras, de políticas homofóbicas, xenofóbicas, racistas, sexistas, entre outras. Essa distribuição diferencial se fundamenta a partir de certos enquadramentos epistemológicos e esquemas históricos como, por exemplo, os discursos religiosos e jurídicos, que estabelecem os limites do que é apreendido e reconhecido como vida. Consequentemente, para uma vida poder ser considerada perdida, ela deve antes ter sido reconhecida por esse quadro de referências como vida vivida, ou seja, um sujeito (BUTLER, 2015). Uma vez demonstrado que as disposições afetivas de certas comunidades são reguladas por normas e enquadramentos, percebe-se que certos seres não são apreendidos nem reconhecidos como vidas. Com base nisso, Butler “sugere que uma vida específica não pode ser considerada lesada ou perdida se não for primeiro considerada vida” (2015, p. 13), não sendo, então, enlutada quando eliminada.

A violência sistemática e estrutural à qual Ruslan é submetido alonga-se temporal e espacialmente, não sendo possível apontar um início ou local originário. Para compreender o caráter das experiências traumáticas vividas pela personagem, é necessário considerar as práticas institucionais, religiosas, militares e políticas vigentes em seu contexto que induzem a precariedade à maximização.

Provocada por diversas práticas discursivas expostas na narrativa, a principal particularidade de Ruslan que faz com que tenha uma maximização de precariedade é relativa à sua orientação sexual. Sua potencial homossexualidade é um tema recorrente, assumindo expressões que variam entre ser caracterizado por sua avó como “um rapaz sensível” (CARVALHO, 2009, p. 30), ou, mais explicitamente, ao estabelecer relações sexuais e afetivas com outros homens. Constantemente, reitera-se no texto, através de diferentes práticas, sua orientação sexual, fenômeno apontado por Eve K. Sedgwick (2008) como a constante performance de ter que sair

do armário e que é dependente do “regime epistemológico da presunção da heterossexualidade” (BUTLER, 2017, p. 8). Dessa forma, a personagem só se estabelece enquanto efetivamente homossexual se sua homossexualidade for expressada de forma explícita e constante. Esse regime exige não apenas uma congruência perfeita entre objeto de desejo e práticas, mas sua constante reiteração explícita.

A força com a qual sua orientação sexual é sucessivamente reiterada bate de frente com outra força, a da incapacidade de ser apreendida e reconhecida pelo Estado: “Qualquer tchetcheno a quem se fizer a pergunta dirá que não há homossexuais na Tchetchênia” (CARVALHO, 2009, p. 35). Em nenhum momento as personagens manifestam verbalmente a respeito da própria sexualidade, mostrando os diferentes encadeamentos de sentido possíveis de tal declaração do narrador. Se homossexuais não são apreendidos, as condições de reconhecimento possível para se tornar um sujeito homossexual são muito limitadas ou até mesmo não são dadas. Homossexualidade, como coloca Michel Foucault (2014), sempre existiu, mas o sujeito homossexual, como uma categoria analítica, emerge no final do século XIX. Ruslan talvez não se reconheça enquanto sujeito homossexual, mas certamente associa seus atos e práticas à homossexualidade ao distinguir os riscos que trazem a sua existência, uma vez que suas práticas e objeto de desejo são deliberadamente ocultadas e mantidas em segredo por ele ao longo da narrativa. Encara-se, então, a declaração do narrador como uma resistência paródica a tais regimes de inteligibilidade (BUTLER, 2015, 2017). Desse modo, há uma constante tensão e desacordo entre a existência de Ruslan e as contingências locais, que se recusam a reconhecê-lo como sujeito.

Por um lado, Ruslan e a população geral de Grózni, têm uma condição precária compartilhada maximizada pela guerra que, ao desagregar, destituir, promover doenças, fome e miséria, acaba por negar a dialética da precariedade, ou seja:

[...] procura negar as formas irrefutáveis e contínuas de que todos estamos submetidos uns aos outros, vulneráveis à destruição pelo outro e necessitados de proteção mediante acordos globais e multilaterais baseados no reconhecimento de uma precariedade compartilhada. (BUTLER, 2015, p. 71)

Por outro lado, a personagem tem sua precariedade acentuada ainda mais por estar ligada à sua existência que não condiz com as expectativas de um regime de heterossexualidade compulsória de um país de predominância muçulmana e abertamente homofóbico, que persegue e incentiva a violência contra tais sujeitos². Quando se nega a existência de homossexuais na

² Bernardo Carvalho (2009) chama atenção no romance para a situação de minorias na região, porém é possível ainda apontar que em 2017 houve diversas denúncias da existência de campos de concentração para homens homossexuais

Tchetchênia, como visto acima, é negada a própria condição de reconhecimento de um *ser* enquanto sujeito e, por consequência, enquanto vida (BUTLER, 2015). Portanto, há mais duas dimensões traumáticas ocorrendo simultaneamente: a relacionada à guerra e a relacionada ao estatuto dos homossexuais na Tchetchênia, ligadas pela precariedade do sujeito.

As violências sofridas pela personagem em decorrência de sua orientação sexual são diárias e sistemáticas, negando, assim, a possibilidade de um evento inicial ou referencial no qual um trauma poderia se centralizar. Ruslan é permanentemente colocado frente à sua condição “diferente”, sendo paradigmático para ele o segredo e o ocultamento de suas disposições e práticas afetivas e sexuais. Há o constante medo da descoberta, que acarretaria numa violência sancionada pelos discursos locais, como um zumbido constante lembrando-o que sua sobrevivência depende de não ser descoberto. Desse modo, o modelo tradicional de trauma baseado em um evento norteador não é capaz de abarcar as formas de violência diárias e sistemáticas, como, por exemplo, as sofridas por populações que não subscrevem a ideais normativos pré-estabelecidos discursivamente (ROTHBERG, 2008; BUTLER, 2015, 2017). O medo diário de sofrer um ataque, amplificado em países abertamente intolerantes, colocam o sujeito em um modo constante de pré-traumático, isto é, uma consciência “pré-atrocidade”, que inevitavelmente ocorrerá (TAL, 1995, p. 127).

Não poder ser reconhecido enquanto sujeito homossexual, conversar sobre isso com amigos e familiares e a constante vigilância de conduta necessária para conservar a clandestinidade homossexual exigem uma espécie de pedágio da mente e, mesmo que o sujeito não seja vítima de um ataque violento ou experiencie homofobia declarada, considerar, diariamente, ao longo de toda uma vida, a iminência de uma violência produz níveis de estresse análogos aos de veteranos de guerra (HOBBS, 2017). Quando isso se dá por consequência de um contexto de políticas anti-homossexuais, no caso da Tchetchênia, trata-se ainda de uma violência sistemática e estrutural legitimada pelo Estado que deveria proteger indiscriminadamente a todos seus cidadãos. Na narrativa, as atrocidades de fato ocorrem a Ruslan e aos seus próximos, não se tratando mais de uma situação hipotética que tem alta probabilidade de se materializar, mas sim de situações traumáticas reais que se sucedem inexoravelmente.

A primeira manifestação que chama atenção à sua condição traumática elevada pela precariedade é sua relação trágica com Akif. Desde muito jovem, Ruslan fascina-se por Akif,

na Tchetchênia, onde eles eram torturados e mortos, assim como práticas anti-homossexuais legitimadas pelo estado Russo. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2017/07/03/the-gay-men-who-fled-chechnyas-purge>> Acesso em 10 de março de 2018.

admiração que se prova mútua por duas vezes; primeiro, quando jovens, ao notarem que ambos se contemplavam à distância e, posteriormente, quando se reencontram ao passarem a frequentar a universidade. A ligação das personagens se desenvolve para uma relação em meio aos “escombros do prédio da escola de medicina” (CARVALHO, 2009, p. 34). Dada na clandestinidade, dentre escombros e ruínas, ambos são literal e politicamente invisibilizados pelo regime epistemológico local que não reconhece a existência e possibilidade de sujeitos homossexuais, ainda que não diminua a “ameaça de serem descobertos” (p. 38). Medo de ser descoberto e morto é o *Leifmotiv* das relações de Ruslan, acompanhando-o até São Petersburgo.

Quando Akif desaparece, Ruslan procura-o no vagão abandonado onde passaram sua primeira noite juntos e, após compreender que não o veria mais, pelo menos não vivo, Ruslan dedica-se à sua busca no “campo fétido de corpos desmembrados que se amontoavam na terra revolvida da vala comum na periferia de Grózní” (CARVALHO, 2009, p. 38). Ao ser perguntado por quem procura, sem saber responder, talvez por medo de mais uma violência ou por desde sempre ter-lhe sido negado o signo de sua relação, diz “meu kunak” (p. 39), nas tradições inguches, um sujeito de outro clã “com quem se estabelece um pacto de proteção e fraternidade” (p. 39).

Assim, não apenas é reforçado que ele, como sujeito homossexual, não existe, através do ocultamento do real significado de sua relação, como é interditada a possibilidade de Ruslan realizar um luto enquanto parceiro, o que corrobora tanto para manter o sujeito homossexual na obscuridade do não reconhecimento como uma vida não vivida e não passível de luto, como também impossibilita Ruslan de querer iniciar um processo de elaboração e compreensão do trauma de perder seu companheiro. Isso traduz-se em sonhos intrusivos, nos quais ele retorna aos trilhos e ao vagão abandonado, uma lembrança associada ao encontro e a perda de Akif, que não foi ainda capaz de ser processada e tecida em sua memória narrativa.

Em São Petersburgo, vivendo do que consegue obter ao roubar carteiras de turistas e como pedreiro nas obras de restauração da cidade para seu tricentenário, Ruslan acaba por conhecer Andrei. É narrado que Andrei é originário do extremo oriente da Rússia, de Vladivostok, e é obrigado pelo padrasto a entrar para o exército, onde “tornar-se-ia homem”, confirmando a expectativa de um regime epistemológico heteronormativo (BUTLER, 2017). No exército, apontado como homossexual, Andrei é coagido por seus superiores à prostituição, medida constrangedora tomada pelo exército como meio de obter rendimentos complementares aos escassos investimentos recebidos oficialmente. Humilhado após o encontro pago, é roubado por Ruslan, e não tendo para onde retornar sem o dinheiro, persegue-o durante dias. É nessa perseguição que inicia a relação de ambos, um jogo de gato e rato que vai perdendo o sentido

original de obter o dinheiro de volta e retornar ao exército, ganhando teores de curiosidade, descoberta e, eventualmente, sexuais.

Ruslan e Andrei acabam aproximando-se, um reconhecendo semelhanças no outro: não serem reconhecidos como sujeitos, estarem em uma cidade estrangeira e hostil, um “território inimigo” (CARVALHO, 2009, p. 132), longe de tudo e todos que podem reconhecer como familiar. No entanto, se para Ruslan:

[...] a ideia de uma vulnerabilidade maior que a sua lhe desperta o amor. Para Andrei, ao contrário, a euforia silenciosa vem da descoberta e da estranheza, da novidade de intuir que ali, de alguma forma, em meio ao que resta do mundo perdido à sua volta compartilha a memória afetiva do homem ao seu lado. E que assim está menos só. (CARVALHO, 2009, p. 139)

Essa aproximação também se dá na sombra e na clandestinidade: o tema “amar entre ruínas” (CARVALHO, 2009, p. 38) retorna, também como uma reencenação da relação de Ruslan com Akif, reiterando, através de um padrão traumático de sofrimento, a vinculação de Ruslan de que amor e intimidade só podem ser realizáveis nas ruínas. O retorno do tema, a reencenação de uma relação clandestina e iminentemente perigosa, figura como a tentativa de elaboração de um trauma já vivido por Ruslan que ainda não foi completamente apreendido e entendido. Contudo, essa reencenação também figura como consequência de discursos homofóbicos que maximizam a precarização de vidas que não se correspondem às suas expectativas normativas, sendo testemunha da única possibilidade de relação entre dois homens em um enquadramento que não reconhece sujeitos homossexuais.

Ainda em São Petersburgo, Ruslan procura sua mãe e dela não recebe a hospitalidade esperada e, a partir de uma série de mal-entendidos, seu meio-irmão acredita que se trata de um amante da mãe. Roman, seu meio-irmão *skinhead*, orchestra o espancamento que resulta na morte de Ruslan, evento/ato que é visto pelo pai de Roman sem que ele se envolva. É Andrei que o encontra e, abraçado ao seu corpo, pede por socorro. Quando questionada sua relação com a vítima, Andrei reencena a resposta que Ruslan dá ao ser questionado sobre quem procurava na vala comum de Grózní: “é meu amigo”, é tudo o que ele é capaz de dizer. Continuando os padrões traumáticos de repetição e reencenação, assim como o ciclo de invisibilidade baseado na interdição do reconhecimento de um homossexual enquanto vida vivida, novamente o luto é interditado e Andrei só pode sofrer pela perda de um amigo.

Na última parte do romance, o “Epílogo”, Andrei é reincorporado e está numa missão “nas montanhas da região de Vedeno” (CARVALHO, 2009, p. 193), sudoeste de Grózní. Acompanhado de seu superior, Iakovenko, conhecido por sua brutalidade, e alguns outros

soldados, deparam-se com um casal e seu filho. O episódio é narrado com frases curtas e num ritmo de acontecimentos acelerado, acrescido da diferente língua da família, que é incompreendida pelos homens com armas nas mãos. Andrei entende que a mulher se desespera ao compreender que a situação de sua família é de extrema gravidade e que, segundo ela, a causa de tal situação é a criatura monstruosa que nasceu naquela madrugada, “portadora de mau agouro” e somente matando-a “conseguirão reverter o pesadelo em que estão enredados” (p. 198). Para proteger a mulher, Andrei se volta contra seu superior, matando-o. A mulher corre para o curral:

[...] ouve-se um tiro do curral e, nessa mesma hora, como se obedecesse a um chamado, Andrei corre na mesma direção da mulher, para o curral. Num gesto intempestivo, o outro recruta faz uso de sua arma pela primeira vez e dispara. Andrei cai. (CARVALHO, 2009, p. 199)

O corpo do recruta, Andrei, é ignorado pelos outros homens que correm em direção ao curral, para lá encontrar a mulher com espingarda em mãos “diante de um animal disforme e morto, um bezerro recém-nascido, ao mesmo tempo peludo e pelado [...] Uma quimera, mistura de dois embriões, portadora de mau agouro” (CARVALHO, 2009, p. 199). Há dois pontos importantes que podem ser observados a partir desse episódio. Primeiramente, o surgimento do monstro quimera dentro da narrativa, que remete ao título da segunda parte do romance, justamente onde Andrei e Ruslan se conhecem e onde se desenvolve seu relacionamento. Em segundo lugar, o ciclo de violências da narrativa parece encontrar seu desfecho.

O aparecimento do monstro no final do romance mostra-se como a manifestação do que não é inteligível, produzindo nos sujeitos uma reação de aniquilação. Ao considerar a segunda parte do romance, na qual a relação homoafetiva entre Ruslan e Andrei é narrada³, chamada “As Quimeras”, remete-se novamente ao estatuto e condição existencial das personagens que, como quimeras, não se enquadram nas molduras de reconhecimento e, na narrativa, impõem a exigência de destruição.

As relações descritas na narrativa, que tem Ruslan como protagonista e centro gravitacional, são permeadas por uma série de violências e a temática de ruínas, amor e morte iniciada na relação entre ele e Akif é encerrada. No entanto, ela encerra-se somente com a morte de Andrei, ou seja, a eliminação da homossexualidade na narrativa. As três mortes apresentam, particularmente, características de extrema violência, expondo que pessoas não reconhecidas como sujeitos ou como vidas vividas são passíveis de violência sistemática ao longo de toda sua existência, uma vez que

³ A relação de Ruslan e Akif é narrada apenas retrospectivamente, corroborando com a desconstrução da noção de causa e efeito e do que é o evento e o que é a repetição nas experiências traumáticas vividas por Ruslan.

não são consideradas vivas, ou, como Roland Patterson (1982) coloca, são socialmente mortas. Ademais, para suas mortes, não é permitido propriamente um luto, pois o estatuto relacional daqueles que ficam é também obscurecido pelo não reconhecimento da possibilidade da existência de suas relações dentro de um “esquema histórico geral que estabelece os domínios do cognoscível” (BUTLER, 2015, p. 21). Para Nicolas Abraham e Maria Torok (1980, p. 8) “o luto que não pode ser expressado cria uma caixa-forte dentro do sujeito. Nessa cripta repousa [...] o objeto duplicado da perda, como uma pessoa completa com sua própria topografia”⁴ e desse modo, no romance, não é possibilitado aos personagens o sentimento de encerramento necessário: eles carregam consigo a morte do ente querido.

Considerações finais

O romance *O Filho da Mãe* condensa em menos de duzentas páginas temas como o estatuto de minoras étnicas ao longo das regiões que formaram a União Soviética, as expatriações e expurgos realizados durante o período stalinista, assim como as condições de vida de homossexuais e a percepção da homossexualidade na Rússia e na Tchetchênia. A narrativa denuncia que a condição de ser homossexual, em dados contextos, é estar em uma condição de maximização de precariedade e não ser reconhecido como sujeito. Desse modo, essas vidas apresentam-se expostas a violências diárias, sistemáticas e estruturais, assim como estar sempre à espera de um ataque brutal, de uma atrocidade.

Em vista disso, articulando tais violências e aflições com a consciência constante da atrocidade iminente – vista através das relações se dando na clandestinidade em meio a sombras e ruínas e a perseguição explícita e implícita do Estado –, é possível começar a compreender trauma mais adequadamente, para além do quadro de referência padrão baseado em um evento centralizador. Compreende-se os eventos traumáticos narrados em *O Filho da Mãe* de maneira mais adequada quando considerados para além de um único evento e suas consequências, pois trauma passa a estar dissolvido entre as tensões das microviolências diárias e episódios extremos.

É importante apontar que embora haja repetição e reencenação dos traumas, elas não são necessariamente baseadas na manifestação da psique do sujeito na busca por elaborar e compreender eventos traumáticos vividos, isto é, como um retorno ao evento em busca de assimilar o inassimilável. Por vezes, a repetição das violências sofridas pelas personagens é induzida por agentes externos e sociais, por meio de práticas e discursos hegemônicos que inviabilizam o

⁴ Tradução minha.

reconhecimento de certas vidas como vividas e passíveis de luto. Em visto disso, tanto o conceito de trauma quanto experiências de diferentes violências podem ser deslocados e pensados de maneiras mais complexa e menos normativas. Assim, é possível ainda olhar com novos olhos o sofrimento de diversos grupos e comunidades que, como não são reconhecidos como sujeitos, não têm seus traumas legitimados.

Trauma, compreendido a partir da narrativa, possibilita abarcar as diferentes nuances e implicações produzidas por agressões e microviolências diárias e sistemáticas consequentes de um discurso homofóbico, tanto em um nível subjetivo quanto intersubjetivo e político. Portanto, por meio de uma articulação entre trauma e a condição precária, é possível ler na narrativa dois modos simultâneos e complementares de encarar tanto subjetividades por ele assombradas quanto como o próprio entendimento do conceito. Essa articulação, que se dá através de estratégias da própria literatura, destaca a precariedade como uma condição compartilhada, pois ao longo da narrativa as personagens vão se conectando, expondo a interdependência dos sujeitos.

Referências

- ABRAHAM, Nicolas; TOROK, Maria. Introjection - Incorporation: mourning or melancholia. In: *Psychoanalysis in France*. New York: International University Press, 1980, p. 3-16.
- BUTLER, Judith. *Precarious Life: the powers of mourning and violence*. Londres: Verso, 2006.
- BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CARUTH, Cathy. *Trauma: explorations in memory*. Baltimore and London: The John Hopkins University Press, 1995.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed Experience: Trauma, Narrative and History*. Baltimore: John Hopkins University Press, 1996.
- CARVALHO, Bernardo. *O Filho da Mãe*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FLEMMING, William. The Deportation of the Chechen and Ingush Peoples: A Critical Examination. In: *Russia and Chechnia: The Permanent Crisis*. Editor: Ben Fowkes. London: Palgrave Macmillan UK, 1998, p. 65-86.
- FREUD, Sigmund. Recordar, Repetir e Elaborar. In: *Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber"); artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913)*. Obras
- CLARA BOIA, Jacarezinho/PR, n.13, p. 48-61, jan./jun, 2020. ISSN: 2357-9234.

Completas, v. 10. Tradução e notas Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. *Além do Princípio do Prazer*. In: *História de uma Neurose Infantil: ("o homem dos lobos"): Além do Princípio do Prazer e outros textos (1917-1920)*. Obras Completas v. 14. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b.

FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade v.: 1 a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

HOBBS, Michael. The Epidemic of Gay Loneliness. *The Huffington Post*, EUA, 02 de Março de 2017. Disponível em: <<http://highline.huffingtonpost.com/articles/en/gay-loneliness/>>. Acesso em 10 de Março de 2018.

LUCKHURST, Roger. *The trauma question*. Abingdon: Routledge, 2008.

PATTERSON, Roland. *Slavery and Social Death: a comparative study*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

RICŒUR, PAUL. *Tempo e Narrativa: tomo II*. Campinas, SP: Papirus, 1995.

ROTHBERG, Michael. Decolonizing Trauma Studies: A Response. In: *Studies in the Novel*, Volume 40, N. 1 & 2. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2008.

SEDGWICK, Eve K. *Epistemology of the Closet*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2008.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: *Psic. Clin.*, Rio de Janeiro, vol. 20, n.1, p. 65-82, 2008.

TAL, Kali. *Worlds of Hurt: Reading the Literatures of Trauma*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

Recebido em: 28/8/2019

Aprovado em: 8/10/2019